

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 11 E 12

## A Judiaria Velha de Lisboa<sup>1</sup>

### Estudo topographico sobre a antiga Lisboa

Muito se tem escrito sobre o antigo e principal bairro dos judeus em Lisboa, a que chamavam Judaria Velha ou Judaria Grande, mas geralmente ignora-se hoje a região em que existia, e os seus limites. Occupava uma pequena extensão do valle da Cidade Baixa, entre a Rua Nova e a igreja de S. Nicolau, e entre a igreja da Magdalena e a de S. Julião. Esta Judiaria, ou Judaria, como se encontra escrito nos documentos mais antigos, remonta pelo menos ao reinado de D. Affonso III<sup>2</sup>, mas na nossa opinião, como em outro ponto se acha exposta<sup>3</sup>, já este bairro antes da conquista de Lisboa em 1147 estava destinado para os judeus, comquanto alguns d'estes vivessem isoladamente entre os christãos, á semelhança do que acontecia com os musulmanos, que, tendo as suas Mourarias, moravam alguns d'elles nas ruas da cidade destinadas aos christãos. De um caso e de outro vimos referencias nos livros das *Chancellarias*. D. Affonso Henriques, tomando a cidade aos musulmanos, permittiu que os judeus continuassem vivendo nos bairros que lhes estavam assignados.

\*

Além d'esta houve em Lisboa outras judiarias.

No Campo da Pedreira, no sítio approximadamente do Largo do Carmo e seus arredores, havia em tempo de D. Dinis uma Judiaria,

<sup>1</sup> Este artigo é extracto de um artigo intitulado «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*» em publicação na REVISTA DE ENGENHERIA MILITAR.

<sup>2</sup> *Direitos Reaes*, liv. II, fl. 86 v, era 1314 (anno 1276).

<sup>3</sup> «*As Muralhas da Ribeira de Lisboa*», capitulo sobre «*Algumas considerações sobre o estuario do Tejo e a população na Baixa de Lisboa*».

de que este rei desapossou os moradores, afim de fazer doação ao seu almirante Micer Manuel Peçanha *do meu* (do rei) *lugar da Pedreira, per onde foi deuisado para os Judeus, com casas, e com terras* (1317)<sup>1</sup>.

Um documento dois annos posterior, alludindo á doação, dá a entender que já os judeus haviam sido desalojados da sua Judiaria: . . . . *casas e terreo* (terreno) *da Pedreira onde moravam os Judeus em Lisboa* (1319)<sup>2</sup>.

Comquanto houvesse varias Pedreiras em Lisboa, não resta dúvida de que esta, que foi dada ao almirante, ficava entre o convento da Trindade e o sitio onde foi construido o do Carmo, pois que D. Dinis resolveu sobre uma reclamação que o almirante lhe fez contra os frades da Trindade, *que lhe tomam o meu campo da pedreira que lhe eu* (o rei) *dei, soterrando ahi os homens para lh'o alhearem e fazerem perder o seu direito* (1320)<sup>3</sup>.

Podemos, pois, assentar que foram os hebreus expulsos de uma Judiaria que tinham onde depois foi o Largo do Carmo, entre os annos de 1317 e 1319. É provavel que fossem então fundar a Judiaria Nova, que ficava approximadamente no sitio onde existe a actual igreja de S. Julião. O Dr. Fr. Francisco Brandão colloca a criação d'esta Judiaria no reinado de D. Affonso IV, baseando-se apenas em que no tempo d'este rei é que começam a apparecer as referencias a esta Judiaria Nova<sup>4</sup>, mas, pelo que acabamos de ver, é natural que já existisse nos ultimos annos do reinado de D. Dinis.

\*

De uma quarta Judiaria em Lisboa encontramos menção, e ficava ella no sitio de Alfama, perto da Torre de S. Pedro, d'onde resultou chamar-se-lhe Judiaria de Alfama: . . . . *chão que elle* (o rei) *ha na Judaria de Alfama, que parte com o muro da parte do mar, e com o muro da villa, e com o muro da torre de S. Pedro, e com o chão da Sé* (1379)<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Diniz*, liv. III, fl. 108, era 1355. Documento transcrito pelo Dr. Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 240.

<sup>2</sup> *Id.*, *ibid.*, fl. 127 v, era 1357. Citado por Fr. F. Brandão, *Monarchia Lvsitana, sexta parte*, 1672, pag. 17.

<sup>3</sup> *Id.*, liv. IV, fl. 86, era 1358.

<sup>4</sup> *Monarchia Lvsitana*, quinta parte, 1650, fl. 22 v.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. II, fl. 50, era 1417. Não sabemos o que, era a villa a que allude o documento, porquanto na epocha de que está datado já Lisboa era sempre designada por cidade.

Fr. Francisco Brandão faz referencia a umas casas que João Vogado, escrivão da Fazenda de D. Affonso V, fez da porta da barreira até a torre de S. Pedro, que he sobre a Judiaria d'Alfama (1459)<sup>1</sup>.

Esta Judiaria tinha, como as outras, a sua synagoga: . . . . a esnoga (synagoga) que foi, que é na dita cidade, na judaria pequena que foi, á (junto da) torre de S. Pedro; parte ao norte com rua publica, ao poente com a travessa que vae ter ao muro (1502)<sup>2</sup>. Esta Judiaria, como as outras, foi extincta em 1496, e d'ella resta como unico vestigio o nome de uma rua, Rua da Judiaria, que vae do Arco do Rosario, ao Terreiro do Trigo, ter ao largo de S. Rafael.

\*

Fr. Francisco Brandão, generalizando a todos os tempos o que se dera em outros mais proximos do seu, disse que aos Mouros lhe dauão viuenda nos arrabaldes fôra das Cidades e Villas, e aos Iudeus permitião viuer dentro das Cidades, ainda que fechados nas judiarias e com goardas<sup>3</sup>. Depois d'elle muitos o teem repetido<sup>4</sup>, sem notarem que é uma inexactidão flagrante; o bairro da Pedreira onde moravam os judeus fôra tanto arrabalde de Lisboa, como a Mouraria destinada para os musulmanos; a Judiaria Velha, comquanto no centro da povoação commercial christã, não estava comprehendida pelo recinto das muralhas, e só o foi no reinado de D. Fernando, depois da construcção da cerca nova. Fernão Lopes disse implicitamente que estavam a Judiaria Velha e a Nova em um arrabalde de Lisboa, porque assim considerava todo o bairro habitado do valle da Baixa: . . . . grande e espaçoso arravallde que havia arredor da çidade, des a porta do ferro ataa porta de Samta Catellina, e des a torre Dalfama ataa porta da Cruz<sup>5</sup>; quanto á Judiaria de Alfama temos alguns fundamentos para conjecturar que ficava tambem exteriormente ás muralhas da cidade.

\*

Indicámos já approximadamente a zona que occupava a Judiaria Velha; vê-se quão distante ficava do sitio onde se construiu a igreja

<sup>1</sup> *Monarchia Lusitana, sexta parte, 1672, pag. 17.* — Outra citação da Judiaria de Alfama está na *Chancellaria de D. Affonso V, liv. xxxvi, fl. 144 v, anno 1459.*

<sup>2</sup> *Extremadura, liv. i, fl. 252 v.*

<sup>3</sup> *Monarchia Lusitana, sexta parte, 1672, pag. 17.*

<sup>4</sup> *O Panorama, vol. i, 1837, pag. 20, etc.*

<sup>5</sup> *Chronica do senhor Rei D. Fernando, nono rei de Portugal, na Collecção de livros ineditos de Historia Portuguesa, etc., tom. iv, 1816, pag. 311.*

e o recolhimento da Misericórdia, onde é geralmente collocada, sem razão, a mesma Judiaria.

Ao findar o seculo XV soava tambem para as Judiarias e para as Mourarias em Portugal a sua hora final: . . . . *ho qual foi declarado, e publicado, estando elRei ainda em Muja, no mez de dezembro de MCCCCXCVJ (1496), em hũa pregação que se sobre isso fez, e nam somente se assentou no conselho que hos Iudeus se fossem do regno, com suas molheres, e filhos e bês, mas tambem hos mouros pelo mesmo modo*<sup>1</sup>.

Em dois annos se retiraram do reino os judeus e os musulmanos que não quizeram converter-se á fé christã, e desde então passaram a chamar Villas Novas aos bairros em que elles haviam habitado. Especialmente pelo que respeita á Judiaria Velha de Lisboa ou Judiaria Grande, por muitos annos, desde o de 1498, os documentos se referem a ella por alguma das designações seguintes: *villa nova que foi judaria grande*, ou *villa nova a nova que foi judaria grande*<sup>2</sup>.

E podemos affirmá-lo com segurança, porque de centenas de documentos que examinámos, nunca, antes da expulsão dos judeus, vimos qualquer referencia á Judiaria Grande chamando-lhe Villa Nova, e pelo contrario, depois da mesma epocha, e durante a primeira metade do seculo XVI, quasi todos os documentos que alludem a Villa Nova, accrescentam: *que foi judaria grande*, ou *que foi dos judeus*, ou qualquer outra locução indicando que havia pertencido á communa hebraica.

\*

*Villa* era antigamente synonymo de *bairro*, quando applicada a uma zona de uma cidade. Houve em Lisboa muitas villas (Villa Franca, Villa Gallega, Villa Quente, Villa do Olival, etc.) e algumas Villas Novas (Villa Nova, Villa Nova de Andrade, Villa Nova que foi Judaria, etc.). Em tempo de D. João I foi imposto sobre o vinho o tributo chamado real d'agua, *para casear Villa nova*<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, por Damiam de Goes, ed. de 1749, parte 1, pag. 18.

<sup>2</sup> Não fazemos aqui citações especiaes, porque teremos de apresentar bastantes no decurso d'este artigo.

<sup>3</sup> *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, por Eduardo Freire de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. 1, pag. 178. Comquanto a *Judiaria Grande*, bem como *uma parte da cidade*, tivesse ardido completamente, quando os castelhanos cercaram Lisboa no tempo d'el-rei D. Fernando, não foi para reedificar o bairro judeu que se impoz a toda a população de Lisboa o tributo do real d'agua.

Teem alguns auctores supposto que esta Villa Nova era a Judiaria Grande, e que portanto a denominação remonta ao final da primeira dynastia; indicámos já que a origem do nome, applicado á Judiaria, é bastante mais moderna; resta-nos ver onde seria a Villa Nova que motivou o imposto.

Em primeiro lugar, esta Villa Nova é anterior a D. João I: já existia em tempo de D. Fernando, e nella moravam mulheres christãs, o que não podia succeder em bairros destinados exclusivamente para os judeus; D. Fernando fez *mercê a Aldonsa Domingues de umas casas que elle ha em villa nova, em que morasse graciosamente* (1373)<sup>1</sup>.

Como muitas pessoas queriam aforar para sempre as casas que o concelho estava fazendo em Villa Nova, com o producto do imposto, e as que d'ahi em diante se construissem, o rei (D. João I) concedeu que o concelho fizesse os aforamentos que entendesse, sem dependencia de confirmação sua (1410)<sup>2</sup>.

Um outro documento informa-nos que os moradores do logar de Villa Nova eram pobres, e fixava o rei os preços que o concelho podia levar *pelas casas da rua direita, e pelas das travessas do loge de villa nova, afim de que o dito logar se possa povoar muito melhor.* (1420)<sup>3</sup>.

No reinado de D. Duarte receavam-se os moradores do novo bairro, das facilidades concedidas ao concelho para aforar as casas, e como medida de segurança pediram ao rei que lhes confirmasse os aforamentos feitos pelo concelho, o que elle lhes prometteu (1434)<sup>4</sup>.

Esta Villa Nova ficava situada no logar da Pedreira, mas não podemos fixar os limites, nem mesmo approximadamente: . . . . *casas na rua da pedreira, a saber, na rua direita que vae para villa nova, que partem com a dita rua publica, e com rua publica que vae para a cordoaria velha* (1444)<sup>5</sup>. A Rua da Cordoaria Velha (anterior a 1755) ia desde o actual Largo da Bibliotheca Publica, ter ao meio, approximadamente, da rua Garrett. Parece que, pelo mesmo tempo, chamavam tambem Bairro do Almirante á Villa Nova acima citada: . . . . *no loge que chamam pedreira, no bairro do dito Almirante* (1370)<sup>6</sup>.

A denominação de Villa Nova não durou talvez muitos annos; no seculo XVI vemos apparecer um Bairro do Marquês (qual?), que foi

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 134, era 1411.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. III, fl. 110, era 1448.

<sup>3</sup> *Id.*, liv. IV, fl. 13, era 1458.

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 81 v.

<sup>5</sup> *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 384.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 68 v, era 1408.

porventura o successor da Villa Nova: . . . . casa junto do bairro do marquez, que parte de uma parte com rua que vae do dito bairro para a cordoaria velha, e da outra partem com beco a que chamam beco de Pedro Rodrigues (1544)<sup>1</sup>. Outras casas do bairro do marquez ficavam situadas ao Chiado, quando se entra já na rua direita da porta de S.<sup>ta</sup> Catharina (1610)<sup>2</sup>.

\*

Alexandre Herculano escreveu uma vez: *Villa-nova de Gibraltar era a «Communa dos Judeus»*<sup>3</sup>, e colloca esta communa á beira do Tejo, onde se construiu o edificio da Misericordia. Esta asserção, devido ao respeito que se tem pelos mestres, tem passado como um dogma para todos os escriptores. Nós, não contestando que Alexandre Herculano tivesse visto em algum documento chamar Villa Nova de Gibraltar á Judiaria Grande de Lisboa, só lamentavamos a nossa infelicidade, por os milhares de documentos que tivemos de examinar, e as pessoas a quem consultámos, não nos fornecerem uma só referencia a essa Villa Nova, quando a chave da interpretação nos foi dada pelo habil paleographo o Sr. General Brito Rebello. Provém apenas da leitura errada da palavra *Gibitaria*, nome de uma rua da communa hebraica, em algum documento de peor orthographia. As ruas do bairro judeu, depois da saída d'estes, eram tambem algumas vezes chamadas Villas Novas, como por exemplo Villa Nova do Chancudo<sup>4</sup>, Villa Nova da Gibitaria, etc., locuções equivalentes a Rua do Chancudo em Villa Nova e Rua da Gibitaria em Villa Nova. Devemos pois acceitar que nunca a communa dos judeus em Lisboa teve a denominação de Villa Nova de Gibraltar<sup>5</sup>.

\*

Havia nas Judiarias varias portas, que se fechavam ao *sino de cother*, interceptando o tracto e a communicação com a gente christã; a

<sup>1</sup> *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 410. — *O Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12, colloca este beco, em 1551, na freguesia de S. Nicolau.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. Filippe II*, liv. xix, fl. 269 v.

<sup>3</sup> *O Panorama*, vol. 2.º, serie 2.ª, 1843, pag. 403.

<sup>4</sup> *Extremadura*, liv. i, fl. 277 v, anno 1499.

<sup>5</sup> Encontrámos uma vez o termo Gibraltar em um documento: . . . . casas que chamam de Gibraltar (1372), (*Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 282, era 1410); mas pelas confrontações se reconhece que estas casas eram fóra da Judiaria, na freguesia de S. Julião, perto da Rua dos Fornos.

situação de algumas podemos fixá-la approximadamente, dando-nos um meio de marcar tambem pouco mais ou menos a linha divisoria entre as duas crenças. Não nos parece que existisse muro especial entre as habitações dos christãos e as dos hebreus; os proprios muros das propriedades eram sufficientes para manter a separação.

\*

Ficava a esnoga ou synagoga grande da Judiaria Velha perto da igreja da Magdalena, e no sitio marcado na estampa que faz parte d'este artigo <sup>1</sup>, onde está designada por igreja de N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Freires. Apareceu uma inscripção em hebraico, em uma *excavação que se fez depois do terremoto de 1755, para o alicerce de uma casa, a qual se referia a uma synagoga que foi acabada no anno 1307 de Christo* <sup>2</sup>; não julgamos que se trate d'esta.

Depois de os mouros e judeus terem sido expulsos do reino (em 1496-98) fez D. Manoel *doação da egreja de N. S.<sup>a</sup> da Conceição que se fez na casa grande da esnoga dos judeus ao mestrado de N. Senhor Jesus Christo* (1502) <sup>3</sup>. Para ahi vieram os freires de uma ermida que tinham no sitio do Restello, onde depois se construiu o mosteiro dos Jeronymos, e naquelle templo se conservaram até ao terremoto de 1755. Como em 1698 se levantou a igreja parochial de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, á antiga igreja dos Freires começaram a chamar Conceição Velha.

---

<sup>1</sup> Não podemos entrar aqui na exposição de como obtivemos a sobreposição das duas plantas que constam da estampa; póde ver-se no nosso trabalho sobre *As Murallas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo intitulado «Mappas, tombos, e documentos aproveitados neste estudo».

<sup>2</sup> *Revista Archeologica*, vol. III, 1889, pag. 115. — Ahi se diz que a excavação foi feita proximo da egreja da Conceição Velha, onde antigamente houve uma synagoga.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 v. — No preambulo do regimento dado á collegiada da convertida synagoga em 29 de Janeiro de 1504 constam os motivos porque foi erecta em tempo christão: . . . . *deliberamos* (o rei) *da casa da esnoga dos judeus que estavam na judiaria grande desta cidade, así como era a mays principal em que o nome de noso senhor era blasfemado, he as coussas de nosa santa fée catolica reprovadas e emmingoadas, fasermos huma solene igreja e casa da enuocação de nosa senhora da conseição, na qual com muy grande solenidade e deuacção os officios deuinios fossem celebrados.* — *O Panorama*, vol. 2.<sup>o</sup>, serie 2.<sup>a</sup>, 1843, pag. 404.

Diz Damião de Goes que D. Manoel fez de novo a *Egreja de Nossa Senhora da Concepçam de Lisboa no lugar em que fora a sinagoga dos Iudeus*<sup>1</sup>; naturalmente esta fundação reduziu-se apenas á purificação do templo, e ás obras necessarias para adaptação ao culto christão.

Era a *Igreja muy vistosa, e alegre de hũa só nave com a porta principal para o Poente, e outra para o Sul*<sup>2</sup>; foi consumida pelo fogo no terremoto de 1755<sup>3</sup>.

A sua situação na planta actual de Lisboa era no leito da Rua da Princesa (dos Fanqueiros), a meia distancia das ruas de S. Nicolau e da Conceição (dos Retrozeiros).

\*

Além da esnoga grande havia outras synagogas na Judiaria Velha. Ha um documento que dá a entender que eram tres; . . . . em 1445 se *passou sentença a favor d'esta egreja de S.<sup>ta</sup> M.<sup>a</sup> Magdalena, contra a communa dos judeus, que pagasse cada anno de cada synagoga 50 reaes brancos, que faziam 150 reaes brancos, que a judaria grande pagava por todas as outras em dia de Paschoa*<sup>4</sup>.

Uma d'ellas era naturalmente uma *esnoga que foi das judias, que pelas costas ficava mistica com um hospital que foi da communa; . . . . loja que parte de uma parte com casas da esnoga que foi das judias, e da outra com hospital que foi da communa, e entesta com casas de F., e por diante com rua que se chama da synagoga* (1499)<sup>5</sup>.

Pela ignorancia em que nos achamos de qual a rua a que davam aquella denominação, não podemos calcular onde ficava situada a synagoga das judias. Havia um Beco ou Pateo da esnoga<sup>6</sup>, para onde se entrava por um arco na Rua do Chancudo<sup>7</sup>; talvez fosse ahi a esnoga das judias.

<sup>1</sup> *Chronica do serenissimo Senhor Rei D. Manoel*, ed. de 1749, parte iv, pag. 600.

<sup>2</sup> *Chorografia Portuguesa, etc.*, pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — As medições da egreja estão no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270 v.

<sup>3</sup> *Historia Universal dos Terremotos, etc.*, por J. J. Moreira de Mendonça, 1758, pag. 128.

<sup>4</sup> *Collegiada da Magdalena*, n.<sup>o</sup> 14, documento sem data mas posterior a 1768.

<sup>5</sup> *Extremadura*, liv. II, fl. 203.

<sup>6</sup> *Corografia Portuguesa, etc.*, pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 167.

<sup>7</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 166 v.

Esta, ou mais provavelmente uma outra synagoga, ficava situada em villa nova que foi judaria grande, na freguezia e rua de S. Gião (Julião) (1502)<sup>1</sup>; esta rua é a que depois se chamou rua dos Mercadores.

\*

Ao norte da synagoga passava uma rua que em 1755 se chamava Rua ou Travessa dos Latoeiros<sup>2</sup>, mas que no tempo de C. Rodrigues de Oliveira (1551) denominavam Rua das Ferrarias Velhas<sup>3</sup>, ou da Ferraria Velha<sup>4</sup>, e que no tempo dos hebreus era a Ferraria da Judiaria<sup>5</sup> ou a judiaria dos ferreiros<sup>6</sup>; ha muitas confrontações de tendas, situadas na judaria velha, onde estão os ferreiros, que partiam ao avrego (sul) com a synagoga e a aguião (norte) com a rua publica (da Ferraria)<sup>7</sup>; depois da saída dos judeus a synagoga é substituída, nas confrontações, pela nova igreja: . . . . casas na correaria, á porta de villa nova que foi judaria, na ferraria, junto com N. S.<sup>a</sup> da Conceição; partem por detraz com a igreja de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, e por diante com a dita rua publica que vae de villa nova, que foi ferraria (1507)<sup>8</sup>.

No extremo oriental d'esta rua ficava uma porta da Judiaria. O documento antecedente cita-a, e grande numero de outras se referem a ella . . . . casas que são na rua que vae da Magdalena para S. Nicolau (Rua da Correaria, de 1755), á porta da judaria dos ferreiros (1459)<sup>9</sup>; — . . . . casas que são na sapataria (Rua da Correaria, de 1755), apar da porta da rua da ferraria da judaria velha; partem ao avrego (sul) com rua publica (1423)<sup>10</sup>.

<sup>1</sup> Cancellaria de D. Manoel, liv. vi, fl. 103 v.

<sup>2</sup> Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 305 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tomo III, 1712, pag. 450.

<sup>3</sup> *Summario*, etc., ed. de 1755, pag. 17.

<sup>4</sup> *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. I, pag. 551, nota. — *Chancellaria de D. João III*, liv. XXI, fl. 91 v, anno 1536.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 63 v, anno 1423. — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. XXIII, fl. 27, anno 1442. — *Extremadura*, liv. VI, fl. 223 v, anno 1495.

<sup>6</sup> *Extremadura*, liv. XI, fl. 296, anno 1459.

<sup>7</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 25 v, era 1406 (anno 1368). — *Id.*, liv. I, fl. 36, era 1407 (anno 1369). — *Id.*, liv. II, fl. 63 v, era 1418 (anno 1380).

<sup>8</sup> *Extremadura*, liv. XIII, fl. 11 v.

<sup>9</sup> *Id.*, liv. XI, fl. 296.

<sup>10</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 63 v.

\*

Do largo em que ficava situada a igreja da Conceição dos Freires saía, em direcção á igreja de S. Julião, uma rua que se chamava dos Mercadores<sup>1</sup>; algumas vezes tambem apparece designada por Rua da Conceição; . . . . *casas na rua da Conceição, que fazem um canto para a rua do vidro* (1556)<sup>2</sup>.

Em tempos mais remotos, uma parte d'esta rua, para nascente do ponto em que nella desembocava a Rua dos Carapuceiros, tinha pertencido á Judiaria, e chamava-se-lhe Rua do Picoto<sup>3</sup>: . . . . *rua do picoto, que vem ter á rua que vem para S. Gião, que foi judaria grande, que ora se chama villa nova* (1499)<sup>4</sup>;— . . . . *casas n'esta cidade abaixo da Conceição; teem duas servidões, uma para um beco da rua dos mercadores, que se chama (a rua) do picoto, e teem outra serventia para a rua do chancudo* (1559)<sup>5</sup>. O beco a que neste ultimo documento se faz referencia é provavelmente o Beco do Coveiro<sup>6</sup>. Extincta a Judiaria, á rua direita chamou-se ao principio Rua de Villa Nova dos Mercadores<sup>7</sup>.

A outra parte da Rua dos Mercadores, até á Rua Nova dos Ferros, era christã, e chamava-se-lhe Rua de S. Gião (Julião)<sup>8</sup>.

O ponto de separação entre a communa hebraica e a freguesia de S. Julião era nesta rua marcado por uma porta, cuja situação presumimos que seria entre o Beco do Coveiro e a Rua dos Carapuceiros; vimos já um documento que a cita, e ha outros: . . . . *casas que são*

<sup>1</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 327 v.—*Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 444 e 450.

<sup>2</sup> *Privilegios de D. João III*, liv. v, fl. 258 v.—*Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. IV, fl. 9, anno 1425.—*Chancellaria de D. Duarte*, liv. I, fl. 209, anno 1436.—*Extremadura*, liv. VIII, fl. 299, anno 1451.—*Idem*, liv. III, fl. 198, anno 1484.—*Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei Nosso Senhor*, n.<sup>o</sup> de ordem 93, anno 1506, fl. 25.

<sup>4</sup> *Extremadura*, liv. II, fl. 206 v.

<sup>5</sup> *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.<sup>o</sup> 239.

<sup>6</sup> *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.—*Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 355.

<sup>7</sup> *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. I, pag. 551, nota, documento da primeira metade do seculo XVI.—*Chancellaria de D. João III*, liv. VI, fl. 121, anno 1543, etc.

<sup>8</sup> *Dourados d'Alcobaça*, liv. I, fl. 116, anno 1476.

na rua do picoto, entrando por a porta da judaria que é na rua que vem de S. Gião, á mão direita (1453)<sup>1</sup>.

\*

Quasi parallela á Rua dos Mercadores ficava, da banda do norte, a Rua do Chancudo<sup>2</sup>; esta denominação, porventura alcunha de algum individuo, remonta pelo menos ao reinado de D. Dinis<sup>3</sup>; pertencia á Judiaria, e perto do seu extremo occidental havia uma porta da communa, a que chamavam a Porta do Chancudo<sup>4</sup>.

\*

Na nossa planta vemos sair d'esta rua, em direcção ao norte, uma pequena rua chamada Beco da Bofetada<sup>5</sup>. Ignoramos aonde os tomadores da cidade em 1755 foram buscar esta designação, pois que o seu nome era Rua ou Beco de D. Rolim ou do Rolim<sup>6</sup>, e d'esta fórma o traz o P.<sup>o</sup> J. B. de Castro no *Mappa de Portugal*, que foi escrito pouco depois de 1755<sup>7</sup>.

Esta rua pertencia á communa dos judeus: . . . . casas que estavam em villa nova que se chama judaria grande, na rua que se chama de D. Rolim (1499)<sup>8</sup>; — . . . . casas em villa nova na rua de D. Rolim, e entestam na rua do chancudo, freguezia de S. Nicolau, e partem ao norte e levante com casas, ao sul com a dita rua do chancudo, e ao poente com a rua de D. Rolim (1502)<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> *Extremadura*, liv. iv, fl. 287 v.

<sup>2</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 316.

<sup>3</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13 v e 16 v, documento do anno de 1299.

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. Dinis*, liv. ii, fl. 85 v, era 1332 (anno 1294). — *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 16 v, anno 1299. — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxv, fl. 104, anno 1471. — *Idem*, liv. xxxii, fl. 33 v, anno 1480.

<sup>5</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 116.

<sup>6</sup> *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 12. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 440.

<sup>7</sup> Ed. de 1870, tomo iii, pag. 231.

<sup>8</sup> *Extremadura*, liv. i, fl. 272. — *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.<sup>o</sup> de ordem 93, anno 1506.

<sup>9</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

Foi esta rua aberta por 1480, ou por Fernão de Moura e D. Rolim, ou em terreno de umas casas d'estes<sup>1</sup>; alguns annos mais tarde ainda D. Rolim tinha umas casas junto da Porta do Chancudo: . . . . *tenda detraz da porta do chancudo, encostada ao muro das casas de D. Rolim* (1506)<sup>2</sup>.

Junto aos extremos d'esta rua ficavam duas portas da Judiaria; a situada ao sul tinha uma denominação propria, Porta da Rua do Chancudo ou Porta do Chancudo; as que apparecem citadas nos seguintes extractos referem-se por isso naturalmente á que ficava do lado norte, bem que os documentos não permittam affirmá-lo com completa segurança: . . . . *uma porta que vae da rua de S. Nicolau* (nesse sitio chamado Rua do Calçado Velho) *para a rua de D. Rolim, que está em villa nova que foi judaria*; junto d'ella havia umas casas que *partem com rua publica que vae de S. Gião para S. Nicolau* (Rua do Calçado Velho), e *por detraz com rua publica de D. Rolim que vae para a correaria* (1501)<sup>3</sup>. Ha um documento que diz: *á porta da judaria que se chama de D. Rolim*<sup>4</sup>, e se o qualificativo *de D. Rolim*, se refere á judaria, aquella locução é equivalente a *porta da rua de D. Rolim na judaria*.

\*

As duas ruas que da Travessa dos Latoeiros se dirigiam parallelamente para o norte, a Rua da Tinturaria<sup>5</sup> e o Beco dos Tintes<sup>6</sup> ficavam na Judiaria<sup>7</sup>, e nellas estavam installadas as lojas de tintureiros<sup>8</sup>, já desde o tempo dos judeus.

O Beco dos Tintes não se acha rasgado completamente até á Travessa dos Latoeiros, na *Planta da Cidade de Lx.*<sup>a</sup> (1650) por João Nunes Tinoco, de onde parece dever inferir-se que foi aberto, como estava em 1755, nos cem annos que precederam o terremoto.

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxii, fl. 33 v.

<sup>2</sup> *Livro dos Proprios das Casas e Heranças d'el-Rei nosso senhor*, n.º de ordem 93, anno 1506.

<sup>3</sup> *Extremadura*, liv. ii, fl. 131 v.

<sup>4</sup> *Id.*, liv. i, fl. 216, anno 1498.

<sup>5</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 309 v.

<sup>6</sup> *Id.*, fl. 318. — É o Beco da tentoraria do *Summario* de C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 18.

<sup>7</sup> *Extremadura*, liv. ii, fl. 120, anno 1501. — *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. vi, fl. 109 v, anno 1560, etc.

<sup>8</sup> *Elementos*, etc., por E. Freire de Oliveira, 1.ª parte, tomo i, pag. 557, nota.

\*

Da Rua do Calçado Velho saía para a Rua da Correaria uma outra rua que em 1755 se chamava Rua do Arco de Jesus<sup>1</sup>; parece ser a que nos meados do século XVI chamavam Travessa dos Torneiros<sup>2</sup>, mais tarde Largo dos Carmelitas<sup>3</sup>; pertenceu naturalmente á communa dos judeus, mas ignoramos como se chamava então.

Nesta rua ficava situado o convento dos Carmelitas Descalços dedicado ao Santissimo Sacramento, ou de Corpus Christi, edificado pela rainha D. Luisa, mulher de D. João IV, no local de umas casas que se derrubaram; a igreja ficava ao sul do convento, e ambas occupavam todo o lado occidental da Rua dos Torneiros<sup>4</sup>; começou-se em 1648, e completou-se em 1661, e nas copias da planta de Tinoco, de 1650, vê-se no seu local um ermida com a denominação, certamente corrupta de ermida do Marinho.

Estes edificios foram destruidos pelo terremoto<sup>5</sup>; na reconstrução da cidade a nova igreja, que tambem chamavam dos Torneiros, occupou muito approximadamente o local da antiga, ficando com a porta para o nascente sobre a Rua da Princesa (R. dos Fanqueiros), e uma elevada cupula; o convento, com o risco das construcções pombalinas, ficava-lhe ao norte, occupando todo, ou quasi todo o quarteirão de casas até á Rua da Victoria. Hoje são tudo propriedades particulares, notando-se ainda a fachada da igreja (onde está um armazem de fazendas) e a cupula (cujo interior constitue uma vasta sala das sessões de uma associação particular).

Nos dois extremos da Rua do Arco de Jesus ficavam provavelmente duas portas da communa; da do lado occidental já tratámos, e talvez fosse o *arco do calçado velho*, a que se faz referencia em um documento<sup>6</sup>; a do lado oriental é possível que fosse a *porta da ju-*

<sup>1</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 163 v.

<sup>2</sup> *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.

<sup>3</sup> *Largo da Igreja dos Carmelitas descalços*, na *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450. — *Largo dos Carmelitas no Mappa de Portugal*, etc., pelo P.<sup>o</sup> J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

<sup>4</sup> Póde ver-se o motivo da fundação na *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440 sqq., e as dimensões do edificio no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 185 v.

<sup>5</sup> *O terremoto, e incendio memoravel poz todo este sagrado edificio na ultima miseria*. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.<sup>o</sup> J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 216, nota.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. Philippe II*, liv. xxviii, fl. 290, anno 1614.

*daria que vae para a correaria* (1384)<sup>1</sup>, ou aquella que ficava defronte de uma certa casa da Rua da Fancaria: . . . . *na fancaria, apar da porta da judaria* (1405)<sup>2</sup>, comquanto, pelas confrontações citadas, tanto se possa entender esta porta, como a que ficava no extremo da Travessa dos Lateiros, que todavia costumava ser especificada pela designação da Rua da Ferraria, na qual era situada.

\*

Desde a Rua do Arco de Jesus até ao adro da igreja de S. Nicolau eram, antes da extinção da communa, habitações de judeus. Possuia D. Dinis uma casa *apud atrium Sancti Nicholai contra judariam* (1299)<sup>3</sup>.

Sobre este adro abria-se uma porta da Judiaria, que parece ser a mencionada no seguinte extracto: . . . . *ad portam de judaria, in collatione Sancti Nicholai, contra judariam* (1299)<sup>4</sup>, e que é com certeza a que se acha em varios documentos: *porta da judaria que vae para S. Nicolau* (1370)<sup>5</sup>; *porta da judaria d'apar S. Nicolau* (1395)<sup>6</sup>.

Parece que o sítio d'esta porta era em um pequeno beco, que em direcção ao sul saía do adro de S. Nicolau, em *K*; ainda se nota na *Planta da Cidade de Lx.<sup>a</sup>* (1650) por J. N. Tinoco, mas não existe na *Planta da Cidade de Lisboa Arruinada* (1755), que é a que consta, em fragmento, da nossa estampa, nem o *Tombo da Cidade de Lisboa* (1755) se refere a ella. Nesta ultima planta existe, porém, na mesma direcção, saindo da Rua do Arco de Jesus, o Beco dos Carretões sem saída<sup>7</sup>. Talvez que estes dois becos fossem o resto da antiga rua da communa, em que existia a mencionada porta da Judiaria que communicava com o adro de S. Nicolau.

\*

No sítio approximadamente onde se construiu no terceiro quartel do seculo XVII o Convento dos Carmelitas Descalços tinha D. Fer-

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. I, fl. 74, era 1422.

<sup>2</sup> *Extremadura*, liv. XI, fl. 89 v, era 1443.

<sup>3</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fl. 13, era 1337.

<sup>4</sup> *Id.*, fl. 12, era 1337.

<sup>5</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 49 v, era 1408.

<sup>6</sup> *Chancellaria de D. João I*, liv. III, fl. 41, era 1433. — *Extremadura*, liv. XI, fl. 85, era 1433.

<sup>7</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 440.

nando uma adega, na qual fez abrir uma rua para morada dos judeus: . . . . eu (o rei) mandei derrubar a rua das taracenas, em que os judeus moravam, para accrescentar as casas das ditas taracenas, em que estão as minhas galés, em a qual rua dizem que moram muitos judeus e judias, e que ora não teem em que morem, porque essa judaria velha é tão pequena que não podem em ella caber, mando-vos que façaes fazer em a minha adega que é apar d'essa judaria velha uma rua pela metade (meio) d'ella, e mandae fazer casas e sobrados de uma parte e da outra, e fazei cerrar a porta da dita adega de contra o adro de S. Nicolau, e abrí uma porta em o outro (lado) da dita adega, de contra a dita judaria, para servidão d'essa rua (1370).<sup>1</sup>

É provavelmente esta a origem do Beco da Adega: . . . . beco da adega em villa nova que foi judaria grande (1545)<sup>2</sup>, o qual ficava no seguimento da Rua da Tinturaria<sup>3</sup>.

A *Planta da Cidade de Lx.*<sup>a</sup> (1650), por J. N. Tinoco, bem como a que consta da nossa estampa, mostram apenas em frente da Rua da Tinturaria um pequeno beco, provavelmente o resto do Beco da Adega, que em 1755 se chamava Beco do Ourinol sem saída<sup>4</sup>.

Correspondendo a elle, do lado do adro de S. Nicolau, mostra a primeira das citadas plantas, um pequeno beco, que não existe na que consta da nossa estampa, e que parece ser o que teve a denominação de Beco de Pero Ponce de Leão<sup>5</sup>.

A Rua travessa de N. S.<sup>a</sup> da Conceição dos Freires, tambem chamada vulgarmente a *Travessa da Conceição Velha*, ou simplesmente Travessa da Conceição<sup>6</sup> ia desde a Rua dos Ourives da Prata até á Rua dos Mercadores<sup>7</sup>; alargava a rua defronte da porta travessa da igreja, e do lado sul do mesmo largo houve no tempo dos judeus

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 63, era 1408.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. João III*, liv. xxv, fl. 50 v.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Sebastião e D. Henrique*, liv. vi, fl. 109 v, anno 1560. — *Chancellaria de D. Filippe I*, liv. xxii, fl. 350 v, anno 1592.

<sup>4</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio*, 1755, fl. 165 v. — *Mappa de Portugal*, etc., pelo P.<sup>e</sup> J. B. de Castro, ed. de 1870, tom. III, pag. 150.

<sup>5</sup> Confronte-se com o que diz o P.<sup>e</sup> A. C. da Costa na *Corografia Portuguesa*, etc., tom. III, 1712, pag. 441: . . . . mandou alugar tres moradas de casas, todas contiguas hias com outras no sitio em que hoje está a Igreja (dos Carmelitas Descalços), fazendo entrada para ellas pela parte de S. Nicolao, aonde estava o beco de Pero Ponce de Leão, e na ultima morada, q̃ cahia para a Fancaria de cima, aonde hoje está a Capella do Coro deste Convento. . . .

<sup>6</sup> *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>e</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450.

<sup>7</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 270.

umas casas que foram estudo de palaçano<sup>1</sup>, em villa nova, na praça de N. S.<sup>a</sup> da Conceição, em frente da esnoga que foi dos judeus, que ora é casa de N. S.<sup>a</sup> da Conceição<sup>2</sup>.

A parte oriental, que communicava o adro da igreja com a Rua dos Ourives da Prata, foi aberta já depois de serem expulsos os judeus: . . . . casa em villa nova a nova, na rua nova que ora novamente se abriu, que vae de N. S.<sup>a</sup> da Conceição para a Ourivezaria (1504)<sup>3</sup>.

O Beco do Sardinha<sup>4</sup> já tinha esta denominação em 1685<sup>5</sup>, que não sabemos de onde provenha.

Terminava na Rua da Gibitaria<sup>6</sup> ou da Jubetaria<sup>7</sup>, que, como aquella, pertencia á communa<sup>8</sup>; . . . . na rua da gibitaria, em villa nova a nova, que foi judaria grande (1502)<sup>9</sup>. Nesta rua havia uns banhos dos judeus<sup>10</sup>, ou talvez antes das judias<sup>11</sup>, que eram naturalmente alimentados pela agua das thermas romanas que naquelle sitio existiram.

\*

Na Rua de S. Julião, a meio do lanço comprehendido entre as ruas Bella da Rainha (R. da Prata), e da Princesa (R. dos Fanqueiros),

<sup>1</sup> Palaçano ou Apelaçano é appellido de origem hebraica.—Veja-se *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. III, fl. 33, anno 1453.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. IV, fl. 24 v, anno 1502.—*Extremadura*, liv. IX, fl. 239 v, anno 1503.

<sup>3</sup> *Extremadura*, liv. VI, fl. 1.—Idem, liv. IX, fl. 164 v, anno 1503.

<sup>4</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 272, 272 v, 298, 321 v, 322, etc.

<sup>5</sup> *Elementos*, etc., por E. F. de Oliveira, 1.<sup>a</sup> parte, tom. I, pag. 557.

<sup>6</sup> *Corographia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>e</sup> A. C. da Costa, tom. III, 1712, pag. 450: rua da Gibitaria Velha.—*Mapa de Portugal*, etc., pelo P.<sup>e</sup> J. B. de Castro, ed. de 1870, tomo III, pag. 150.—*Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 321.—Assim tambem em muitos documentos das *Chancellarias*.

GIBITERIO; official que fazia gibanetes, giboens, e vestidos d'armas, sayas de malha, etc.—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBETEIRO; alfayate que fazia «Gibanetes». E mais propriamente o algibebe, que remenda ou compoem vestidos, ou roupas velhas, e rotas.—*Elucidario*, de Santa Rosa de Viterbo.

JUBITARIA; vulgarmente Algibetaria. He a rua em que se vendem juboens, calçoens, etc.—*Vocabulario*, de Bluteau.

<sup>7</sup> *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 17.—*Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXI, fl. 52 v, anno 1561.

<sup>8</sup> *Extremadura*, liv. VIII, fls. 60 v. e 137, anno 1484.

<sup>9</sup> *Id.*, liv. IX, fl. 198.

<sup>10</sup> *Id.*, liv. I, fl. 252 v, anno 1500.

<sup>11</sup> *Mosteiro de S. Domingos*, liv. XXXII, fl. 55 v.

houve até ao terremoto um poço, provavelmente em comunicação com as nascentes thermaes, com 15 palmos de largo, e 30 em redondo, que é de muito boa agua<sup>1</sup>. D'elle se refere que no dia do terremoto lançara de si toda a agua e alguns peixes<sup>2</sup>.

Chamava-se-lhe no reinado de D. Dinis, Poço da Fotreya<sup>3</sup>, e depois Poço da Fotéa<sup>4</sup>, nome de origem evidentemente hebraica.

Ficava situada no Largo do Poço da Fotéa<sup>5</sup>, do qual saiam quatro ruas: a Rua ou Beco de S. João, o Beco dos Seguros, a Travessa do Poço da Fotéa, o Beco de Lava-Cabeças; a primeira pertencia á Judiaria; a segunda cremos que não; as ultimas eram christãs.

A Rua ou Beco de S. João<sup>6</sup> era anteriormente chamada Rua do Poço da Fotéa<sup>7</sup>, e umas vezes era considerada Rua Direita<sup>8</sup>, e outras simples beco: . . . . casas em villa nova, na rua dos mercadores, na freguezia de S Julião; partem ao levante (?) com a dita rua publica dos mercadores, e ao poente com o beco que se chama do poço de Fotéa (Rua de S. João) (1502)<sup>9</sup>.

No extremo sul d'esta rua ficava uma porta da Judiaria, que tambem se chamava Porta de Fotéa: . . . . no beco acima da porta de Fotéa por onde entram para a judaria (1436)<sup>10</sup>. — . . . . porta que está apar do poço de Fotéa (1438)<sup>11</sup>.

Entrando pois pela Porta da Fotéa, em direcção ao norte, encontrava-se do lado esquerdo um beco, naturalmente o Beco dos Agulheiros<sup>12</sup>, onde os judeus tinham as suas carneçarias: . . . . in carne-

<sup>1</sup> *Archivo Pittoresco*, vol. iv, 1861, pag. 407, documento de 1552.

<sup>2</sup> *Diccionario Geographico*, do ms. Archivo Nacional da Torre do Tombo, tom. xx, *Parochia da Conceição*, por Braz José Rebello Leite, pag. 743.

<sup>3</sup> *Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas*, fs. 13 v, e 16 v, era 1337 (anno 1299).

<sup>4</sup> *Chancellaria de D. Affonso IV*, liv. iii, fl. 12, era 1365 (anno 1327).

<sup>5</sup> *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.º A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag 450. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fs. 299, 303 v, etc.

<sup>6</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 290 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.º A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

<sup>7</sup> *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v, anno 1500. — *Idem*, liv. vi, fl. 118, anno 1504. — *Summario*, etc., por C. R. de Oliveira, ed. de 1755, pag. 14.

<sup>8</sup> *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193, anno 1436. — *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxiv, fl. 166 v, anno 1450.

<sup>9</sup> *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 24 v.

<sup>10</sup> *Chancellaria de D. Duarte*, liv. i, fl. 193.

<sup>11</sup> *Mosteiro de Chellas*, letra E, fl. 5.

<sup>12</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fs. 292 e 293.

çarias in judaria, apud puteum de fotreya (1299)<sup>1</sup>. No terceiro quartel do seculo XIV já lhes chamavam carneçarias velhas<sup>2</sup>; foram queimadas pelo exercito de D. Henrique II em 1373<sup>3</sup>, e ficando reduzidas a pardieiros<sup>4</sup>, tiveram por isso de transferir os talhos para outro lugar.

As seguintes confrontações marcam claramente o local das carneçarias: . . . . . *pardieiros que elle (o rei) ha na judaria velha, junto com o poço de Fotéa, partem ao levante com judaria, ao poente e avrego (sul) com casas; a aguião (norte) o beco que foram carneçarias (1374)*<sup>5</sup>— . . . . . *sotão e sobrado que são na judaria velha, onde em outro tempo soiam de ser as carneçarias velhas, que são junto com um beco que está apar da porta por que sahem da dita judaria ao poço de Fotéa, quando vão da dita porta á mão esquerda para a rua direita (1436)*<sup>6</sup>.

Transferidas pois as carneçarias do beco perto do Poço de Fotéa foram installadas talvez no sitio a que se faz referencia no seguinte documento: . . . . . *dois sobrados e mais um retrete (sic) com um poço, que desce dos ditos sobrados para a rua da correaria, os quaes sobrados estão sobre uma loja de um judeu detraz da dita correaria de contra a judaria, assim como partem de um cabo com a estalagem dos judeus, e do outro com a rua da carneçaria dos ditos judeus, e de leste com a casa de F. (judeu), e da parte da rua da correaria partem com F. (christão), (1484)*<sup>7</sup>. Esta Rua da Carneçaria, se não era a Rua do Arco de Jesus (de 1755), devia ser o Beco dos Tintes, ou alguma outra n'essas proximidades, que desapareceu, ou não se acha marcada na estampa.

Na mesma Rua do Poço da Fotéa havia, do lado esquerdo caminhando para o norte, um outro beco, porventura o Pateo de Campolide<sup>8</sup>, em que estava situada a cadeia dos judeus, que julgamos ser o

<sup>1</sup> Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas, fl. 160, era 1337.

<sup>2</sup> . . . . . casa em Lisboa, na judaria dentro no beco d'apar das carneçarias velhas (1369).— Chancellaria de D. Fernando, liv. I, fl. 41 v, era 1407.— . . . . . casas que são na judaria velha, que partem com outras casas nossas, que são dentro no beco d'apar d'onde soiam estar as carneçarias velhas dos judeus (1369).— Extremadura, liv. XI, fl. 93 v, era 1434.

<sup>3</sup> Chancellaria de D. Duarte, liv. I, fl. 193, anno 1436.

<sup>4</sup> Chancellaria de D. Fernando, liv. I, fl. 128, era 1411 (anno 1373).

<sup>5</sup> Id., ibid., fl. 150 v, era 1412.

<sup>6</sup> Chancellaria de D. Duarte, liv. I, fl. 193.—Veja-se tambem Livro dos Bens dos Proprios dos Reis e das Rainhas, fl. 107, era 1418 (anno 1380).

<sup>7</sup> Mosteiro de Chellas, n.º 802.

<sup>8</sup> Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova, 1755, fl. 294 v.

que alguns documentos chamam *alfavez*<sup>1</sup>: . . . . *casas que são na judaria velha, na rua direita* (Rua de S. João, de 1755), *assim como vão para a porta do poço da Fotéa, á mão esquerda, apar do canto de um beco onde está o alfavez dos judeus* (1450)<sup>2</sup>. — . . . . *casas que foram cadeia dos judeus, em villa nova que foi judaria grande, na freguezia de S. Gião, em um beco que sae á rua do poço de Fotéa* (1500)<sup>3</sup>. — . . . . *rua que vae do poio para o poço da Fotéa, defronte de um beco onde soia de estar a cadeia dos judeus* (1513)<sup>4</sup>.

\*

Vejam os agora as outras ruas que saiam do pequeno largo em que estava o Poço da Fotéa. Ignoramos a origem da denominação do Beco dos Seguros<sup>5</sup>, que parece ser posterior ao seculo xvii; anteriormente não sabemos qual tivesse; . . . . *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem sahir á rua nova, onde mora mestre Vasco* (1466)<sup>6</sup>. Esta rua não pertencia á Judaria, cujas casas ficavam misticas pelo fundo, com as que nella existiam da parte do norte; . . . . *casas á beira do poço da Fotéa, na rua que vem ter onde mora mestre Vasco, e entestam com casas da judaria* (1474)<sup>7</sup>. Em um documento de 1599, que trata de umas *casas no beco de mestre Vasco junto ao poço da Fotéa*, achase escrito á margem, em lettra mais moderna: *casas no beco dos seguros*<sup>8</sup>.

Em direcção ao sul saía do largo a Travessa do Poço da Fotéa<sup>9</sup>; em um dos lados d'esta rua houve em remotas eras uns banhos, banhos de Fotéa, naturalmente alimentados, como os da proxima Rua da Gibitaria, pela agua das thermas romanas<sup>10</sup>: . . . . *pardieiro que soia*

<sup>1</sup> Não encontramos esta palavra nos dictionarios portuguezes, nem no *Vocabulario*, nem no *Elucidario*.

<sup>2</sup> *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. xxxiv, fl. 166 v.

<sup>3</sup> *Extremadura*, liv. i, fl. 252 v.

<sup>4</sup> *Id.*, liv. xiii, fl. 127. — Outra citação na *Chancellaria de D. Manoel*, liv. iv, fl. 57 v, anno 1505.

<sup>5</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fs. 161 v, 162, 302 v a 304 v. — *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.º A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450.

<sup>6</sup> *Mosteiro de Chellas*, lettra F, fl. 15.

<sup>7</sup> *Id.*, lettra G, fl. 4.

<sup>8</sup> *Id.*, liv. 3, fl. 52.

<sup>9</sup> *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 299 v.

<sup>10</sup> *Mosteiro de Santos-o-Novo*, n.º 338, era 1383 (anno 1345). — *Id.*, n.º 339, era 1424 (anno 1386).

de ser casas, na rua nova junto com o tavolado, que partem com casas que foram banho, e com a rua nova, e com rua que vae da dita rua nova para o poço da foteya (1396)<sup>1</sup>; talvez fossem no local onde se construiu a igreja parochial da Conceição Nova, pois que existiam dentro da igreja dois poços; um d'elles, que ficava em um saguão junto á sacristia, na occasião do terremoto (1755) se exauriu e ficou chão com a terra pela elevação d'esta<sup>2</sup>.

Finalmente, a quarta rua, ou rua de lava-cabeças que vae do poço da Fotéa para a rua de mata-porcos, onde estão as lameiras<sup>3</sup> (1533)<sup>4</sup> pertencia á população christã. Na freguesia de S. Julião, na rua onde lavam as cabeças (dos porcos?), e entestam com rua publica que vae do forno derribado para o poço de Fotéa (1374)<sup>5</sup>.

\*

Vamos agora, para approximadamente marcar os limites da Judia-ria Velha, no tempo em que ainda era habitada pelos hebreus, isto é, anteriormente a 1496-98, percorrê-la em volta com o auxilio da nossa estampa. Vemos que tinha vagamente a figura de um parallelogrammo obliquângulo, com a diagonal maior um pouco desviada da direcção norte-sul.

Começando pelo Largo de S. Nicolau ao sul da igreja<sup>6</sup>, que ficava no sítio e a meio do comprimento da actual igreja de S. Nicolau, encontravamos primeiro nelle, em F, talvez no fundo de um beco, a porta da adega que D. Fernando mandou fechar.

Seguia a linha divisoria em direcção sud-este, ao lado da Rua dos Torneiros e da Rua da Correaria, ficando as casas d'estas ruas contiguas, pelo fundo, com as casas da communa<sup>7</sup>; havia nesta extensão,

<sup>1</sup> Mosteiro de Santos-o-Novo, n.º 335, era 1434.

<sup>2</sup> Dictionario Geographico, ms. do Archivo Nacional da Torre do Tombo, por Braz José Rebello Leite, tom. xx, Parochia da Conceição, pag. 743.

<sup>3</sup> Parece ser synonymo do sítio pantanoso ou lamaçal. — Vocabulario de Bluteau; — LAMEIRA; planta que vem nos lameiros, a que o vulgo supersticiosamente attribua grandes e sobrenaturaes virtudes. — Dictionario Universal da Lingua Portuguesa, por uma sociedade de litteratos.

<sup>4</sup> Chancellaria de D. João III, liv. XIX, fl. 69.

<sup>5</sup> Colleeção Especial, caixa n.º 94, 15 de junho de 1412.

<sup>6</sup> Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro do Rocio, 1755, fl. 142 v.

<sup>7</sup> Os documentos comprovativos acham-se citados no nosso trabalho sobre As Muralhas da Ribeira de Lisboa, no capitulo intitulado «Algumas Ruas da Freguezia da Magdalena».

naturalmente uma porta em *J*, e em *A* a Porta da Ferraria dos Judeus. Chegava pois a Judiaria até muito proximo da igreja da Magdalena, tendo talvez algumas casas sobre o sitio do actual largo da dita egreja.

Da Rua da Correaria e Largo da Magdalena seguia a linha de separação para o sul, descendo ao longo da Rua dos Ourives da Prata. Em *B* não devia haver porta, porque, como vimos, a pequena travessa que ligava o adro da Magdalena com o da egreja da Conceição dos Freires só foi rasgada depois de expulsos os judeus. Em *C*, no extremo oriental da Rua da Gibitaria, devia ter havido uma porta, mas não a encontramos mencionada nos documentos que vimos.

Ao ponto *D*, isto é, quasi ao sitio em que se cruzam as ruas de El-Rei e da Princesa, devia chegar a Judiaria; ha um documento que o dá a entender: . . . . *casas no começo da rua nova da parte da Ourivezaria; das costas entestam na judaria, e da outra (parte) com rua publica da rua nova (1447)*<sup>1</sup>.

D'ahi seguia a linha divisoria para o poente, e depois para o noroeste, passando pela rectaguarda das habitações de christãos do Beco dos Seguros, do Beco de Lava-cabeças, do Pateo da Rosa<sup>2</sup>, da Rua de Mata-porcós, e da Rua dos Carapuceiros<sup>3</sup>. Em *E* abria-se a Porta da Fotéa, em *L* a Porta da Rua do Picoto, e em *G* a Porta do Chancudo. Esta ultima ficava muito proxima da actual Rua dos Correeiros, no sitio em que ella é cortada pela Rua de S. Nicolau.

D'aqui, a linha de separação entre a communa hebraica e as freguesias christãs seguia em direcção ao norte, fechando no ponto de partida no Largo de S. Nicolau. Em *H* houve naturalmente uma porta e no adro de S. Nicolau, uma outra, em *K*, approximadamente.

\*

Em 1366, numas disposições ordenadas por D. Pedro I sobre o trato e communicação de christãos com judeus e mouros, figura o seguinte: . . . . *outrosim mando que cerrem logo os ditos judeus a porta*

<sup>1</sup> *Extremadura*, liv. vii, fl. 32 v.

<sup>2</sup> *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 450. — Beco ou Pateo da Rosa, ou Largo de Lava-cabeças, no *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fls. 284 e 285.

<sup>3</sup> *Corografia Portuguesa*, etc., pelo P.<sup>o</sup> A. C. da Costa, tom. iii, 1712, pag. 444. — *Tombo da Cidade de Lisboa, Bairro da Rua Nova*, 1755, fl. 338 v.

do poço de Fotéa, e a porta do chancudo, e a porta que está junto com as casas que foram de Palhavã<sup>1</sup>. Esta ultima porta não sabemos qual fosse.

O mesmo diremos de outras duas, que encontrámos citadas em documentos, mas cujas confrontações são com ruas cuja identidade com as que existiam em 1755 não nos foi possível estabelecer.

Uma é a seguinte: . . . . . *sotão e sobrado á porta da judaria, as quaes partem com rua dos banheiros, e com casas, e com a porta da dita judaria, e da outra com rua publica* (1399)<sup>2</sup>.

A outra é: . . . . . *casa, sotão e sobrado, na rua das ervas (sic) apar da porta da judaria velha, que parte ao levante com rua publica, ao poente, e avrego (sul) e aquião (norte) com casas* (1368)<sup>3</sup>.

No nosso estudo sobre *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, no capitulo que trata das portas das muralhas que se abriam no Terreiro do Paço, dizemos que á rua que da Rua Nova ia para a Ribeira, por baixo do Arco dos Barretes, deram algum tempo a denominação de Rua da Cerva<sup>4</sup>. Comquanto seja facil admittir uma grande semelhança na pronúncia, e d'ahi corrupção na orthographia, basta lançar os olhos para a nossa estampa, para ver quão inverosimil seria fazer-se a confrontação de uma casa junto ao Arco dos Barretes tomando para referencia qualquer porta da Judiaria, mesmo a do Poço da Fotéa, que era a que lhe ficava mais proxima. A Rua das Hervas, do tempo de D. Fernando, era pois uma das que ficavam proximas da linha de separação entre a communa e a christandade.

\*

Descriptos assim os limites topographicos da Judiaria Velha de Lisboa, que já pelos auctores do seculo XVII eram ignorados, parece-nos ter fornecido os elementos sufficientes para desfazer a lenda de que ficava no local onde se construiu a igreja e o recolhimento da Misericordia, de que hoje resta apenas a igreja da Conceição Velha na Rua da Alfandega, e para demonstrar que nunca foi designada por Villa Nova de Gibraltar, como alguns auctores modernos teem imaginado, baseando-se na auctoridade de Alexandre Herculano.

A. VIEIRA DA SILVA.

<sup>1</sup> *Chancellaria de D. Pedro I*, liv. I, fl. 124, era 1404.

<sup>2</sup> *Extremadura*, liv. XI, fl. 108 v, era 1437.

<sup>3</sup> *Chancellaria de D. Fernando*, liv. I, fl. 43 v, era 1407.

<sup>4</sup> *Extremadura*, liv. X, fl. 183 v, anno 1436. — Id., liv. VIII, fl. 174, anno 1451.

